



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE HISTÓRIA**

DANIEL RAFAEL DOS SANTOS

UMA TRAGÉDIA PARA O CURIMATAÚ: O CRIME DE CARLOTA

**CAMPINA GRANDE
2015**

DANIEL RAFAEL DOS SANTOS

UMA TRAGÉDIA PARA O CURIMATAÚ: O CRIME DE CARLOTA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Orientador: Prof. Dra. Maria Lindaci
Gomes de Souza.

**CAMPINA GRANDE
2015**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237u Santos, Daniel Rafael dos
Uma tragédia para o Curimataú [manuscrito] : o crime de Carlota / Daniel Rafael dos Santos. - 2015.
52 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Lindaci Gomes Souza,
Departamento de Historia".

1. História da Paraíba 2. Areia - Paraíba 3. Crime 4.
Fazenda Jandaira I. Título.

21. ed. CDD 981.33

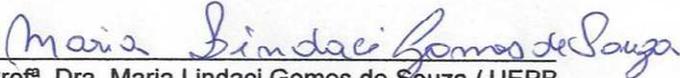
DANIEL RAFAEL DOS SANTOS

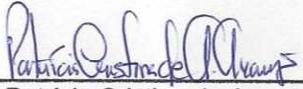
UMA TRAGÉDIA PARA O CURIMATAÚ: O CRIME DE CARLOTA

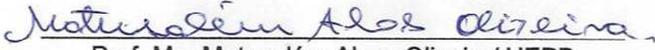
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Licenciatura Plena em História.

Aprovada em: 14/10/2015

BANCA EXAMINADORA


Profª. Dra. Maria Lindaci Gomes de Souza / UEPB
Orientadora


Profª. Dra. Patricia Cristina de Araujo Araujo / UEPB
Examinadora


Prof. Me. Matusalem Alves Oliveira / UEPB
Examinador

Em memória dos meus avós: Seu José Gonçalves e Dona
Josefa Gonçalves que me ensinaram os primeiros
princípios Éticos da vida.

Em memória dos meus avós: Seu José Gonçalves e Dona Josefa Gonçalves que me ensinaram os primeiros princípios Éticos da vida.

[...] A tempestade desta vez foi desencadeada por uma mulher que parece ter nascido com vocação para protagonista de tragédias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a princípio, a Deus, essa força que me permitiu inteligência.

Agradeço infinitamente a minha Mãe: Dona Maria do Carmo Gonçalves dos Santos, essa mulher lutadora que em nenhum momento de sua vida deixou de dar o melhor que pode para seus filhos.

A meu Pai: Francisco de Assis Rafael dos Santos esse Homem integro, simples e sonhador.

A meus amáveis irmãos e família que permanece sempre unida nos momentos felizes e difíceis.

A professora: Maria Lindaci que me acolheu como seu orientando com carinho.

A professora Patrícia e o professor Matusalém pela disponibilidade para participar da banca examinadora do meu trabalho.

A todos os meus professores da universidade e escolas em geral.

A Universidade Estadual da Paraíba com seu quadro de funcionários que me acolheu calorosamente e na qual pude viver momentos de grande aprendizagem e felicidade.

A Roberta Araújo e a João Felix companheiros de luta da universidade em nome dos quais agradeço a todos os meus amigos do meio acadêmico.

A José Júnior Gomes Ferreira que me ajuda nos momentos difíceis e em nome do qual agradeço aos meus amigos da vida diária.

Ao prefeito constitucional de Algodão de Jandaíra: Humberto dos Santos que não deixou faltar o transporte universitário para a cidade de Campina Grande.

A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

A fazenda Jandaíra foi um dos palcos de uma tragédia que abalou a cidade de Areia no ano de 1849. Essa fazenda localizada no Curimataú paraibano pertencia ao território de Areia e teve importância social e econômica para a região, era propriedade de uma das famílias mais tradicionais politicamente dessa cidade: a família Santos Leal. Era a fazenda de criação dessa família. O objetivo do devido escrito é descrever esse assassinato que abalou a cidade de Areia por ter sido praticado com tanta frieza levando a óbito um importante político região. Destacando a importância da fazenda Jandaíra nesse contexto, tornando-se um registro histórico demonstrando que desde o ano de 1849 as sementes da cidade de Algodão de Jandaíra germinava com essa fazenda.

Palavras Chaves: crime, Jandaíra, família.

ABSTRACT

The Jandaíra farm was one of the stages of a tragedy that shook the city of Sand in the year 1849. This farm located in the Paraíba Curimataú belonged to the territory of Sand and had social and economic importance for the region, was owned by one of the most traditional families politically this city: the family Santos Leal. It was the breeding farm of this family. The purpose of writing is to describe because this murder that shook the city of Sand to have been practiced so coldly leading to death an important political region. Highlighting the importance of Jandaíra farm in this context, making it a historical record demonstrating that from the year 1849 the seeds of the city of Jandaíra Cotton germinated with this farm.

Key words: crime, Jandaíra, family.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Vista parcial da pedra do caboclo.....	15
Figura 2- Vista parcial da Gruta dos caboclos.....	16
Figura 3- Antiga casa da família Santos Leal.....	35
Figura 4- Antiga casa onde José Américo de Almeida passou parte da sua infância.....	36
Figura 5- Antiga residência de Carlota. Fazenda Cantinhos. Atualmente localizada no território da cidade de Remígio.....	38
Figura 6- Ruínas do cemitério onde foram sepultados entes da família Santos Leal.....	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPITULO 1 - CONTEXTO POLÍTICO, ECONÔMICO-SOCIAL DE AREIA EM 1849	14
1.1 - Ecos da Revolução Praieira.....	19
CAPITULO 2 - DISPUTAS POLÍTICAS E RELAÇÕES DE PODER	21
2.1 – Disputas Políticas.....	35
2.2 – A tragédia: do ponto de vista filosófico.....	39
2.3 – Uma questão de honra: Casamento e família.....	31
CAPITULO 3 – UMA TRAGÉDIA PARA O CURIMATAÚ: O CRIME DE CARLOTA	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

A Fazenda Jandaíra berço da cidade de Algodão de Jandaíra está localizada no Curimataú paraibano e vem sofrendo nos últimos anos com roubo de animais de seus moradores e criminalidade, fazendo a população da região amedrontada larga seu chão para morar na cidade de Algodão que fica a mais ou menos uma distância de 3 Km.

Essa fazenda no passado pertencia ao território de Areia e teve importância social e econômica para a região, era propriedade de uma das famílias mais tradicionais politicamente da cidade Areense: a família Santos Leal. Era uma fazenda de criação que segundo Horácio de Almeida (1957) chegou a produzir 400 bezerros por ano. Era costume nesse período pessoas ricas dessa cidade ter uma fazenda na região do Curimataú ou Sertão para passar a temporada de frio e chuva que recaía sobre o brejo em certas épocas do ano.

A fazenda Jandaíra foi um dos palcos de uma tragédia que abalou a Cidade de Areia no ano de 1849. Abrigou a amante do senhor Joaquim José dos Santos Leal influente político Liberal da cidade nesse período, de nome Carlota Lucia de Brito sertaneja que veio para Areia tangida por uma seca que assolou o Sertão no ano de 1845.

Carlota era mulher geniosa que ao se apaixonar por Joaquim José dos Santos Leal de alcunha Major Quincas começou a sofrer ofensas verbais e foi agredida fisicamente por Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon. Líder político conservador da cidade, pois esta vivia uma relação amorosa com o amante que não era de costume para o período, vivia na amancebia com o companheiro sem ter recebido as bênçãos da igreja e nem a chancela da lei coisa que não era comum para o período. Esse romance escandalizou a sociedade areense atraindo o ódio da população.

Carlota bastante ofendida com a agressão do político Conservador tramou seu assassinato mandando mata-lo, essa tragédia aconteceu em pleno dia da eleição que acontecia na cidade de Areia para deputado envolvendo seu amante pelo partido Liberal e Dr. Chacon pelo partido Conservador. Dr. Chacon

vence o pleito eleitoral. Essa tragédia ganhou ares de crime político passando o senhor Major Quinca a ser procurado pelos Sertões como o mandante da desfeita. O Major Quincas não teve força para repudiar a amante pelo assassinato, foi um passional, deixou-se levar pelo coração permanecendo junto com Carlota. Ele e sua família pagará caro por sua desventura amorosa.

Temos como objetivo principal analisar o crime de Carlota no contexto político, econômico e social da época na cidade de Areia. Destacar o crime de Carlota como fato histórico que dará origem a cidade de Algodão de Jandaíra no Curimataú paraibano. Identificar através das desavenças políticas os conflitos e as formas de perseguição gerados por essa tragédia.

O presente estudo se baseia em pesquisa de cunho bibliográfica e utilizei como fonte de pesquisa os livros de: Horácio de Almeida: Brejo de Areia. E o escrito de José Américo de Almeida: Memórias antes que me esqueça. Livros que foram imprescindíveis para o desenvolvimento desse trabalho.

Para melhor compreensão didática do leitor esse trabalho foi estruturado em três partes: Na primeira faço um pequeno resgate histórico da cidade de Areia demonstrando a sua importância econômica, social e política para a região. Pois esta cidade no passado foi um centro irradiador de cultura com muitos dos seus filhos ilustres trilhando os caminhos da política. Areia também era um socorro para o sertanejo em tempos de graves secas pois recebia grande contingente de retirantes em busca de melhores condições de vida.

Destaco também outro evento que abalou a cidade de Areia nesse período: A Revolução Praieira, evento organizado pelos Liberais de Recife que vieram cortando o Nordeste em marcha em busca de apoio em Areia afim de tomar o poder em toda região, porém foi um movimento fadado ao fracasso segundo Horácio de Almeida (1957). As forças de repressão Conservadoras ao chegar a Areia os insurgentes Liberais são obrigados a fugir pelos Sertões em busca de refúgios, sendo muitos presos e mortos. As famílias dos participantes do evento sofreram duras perseguições e atentados aos seus patrimônios.

Na segunda parte discorro sobre as disputas políticas e relações de poder em Areia mostrando a visão do filósofo Michel Foucault em relação ao

poder e como este estar disposto na sociedade. Em seguida descrevo a trajetória política do Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon e Joaquim José dos Santos Leal personagens centrais da tragédia.

Na terceira e última descrevo o que é uma tragédia sob o ponto de vista filosófico e em seguida faço um resgate histórico da história das mulheres no Brasil da colônia até as primeiras décadas do século XX. Mostrando como estas foram discriminadas no decorrer desse período por uma sociedade machista e por instituições que reforçava o poder do homem sobre as mulheres. E por último descrevo o Crime de Carlota. Essa tragédia que abalou a cidade de Areia em 1849.

CAPITULO 1

CONTEXTO POLÍTICO, ECONÔMICO-SOCIAL DE AREIA EM 1849

Areia sempre foi uma cidade que teve em toda sua história importância econômica e social no contexto Paraibano. De seu território saía alimento para matar a fome do nordestino em tempos de graves secas, era considerada um dos celeiros do Sertão. Do seu ventre saíram grandes políticos e intelectuais de renome Nacional, que hoje emprestam seus nomes a várias ruas e avenidas de cidades Nordestinas. A Cultura que floresceu nesse território foi de dar inveja a outros municípios da Paraíba. Esteve envolvida no passado em eventos políticos que abalaram a paz nacional.

Areia está localizada na crista oriental da serra da Borborema a 622 metros de altitude. Hoje seu território está reduzido a 269 km, mas no passado foi berço de importantes cidades nordestinas que com o passar do tempo adquiriram autonomia. Segundo Horácio de Almeida (1957) não se sabe de fato quando teve início esse povoado que veio a se constituir na atual cidade. Para o autor situa-se entre os séculos XVII e XVIII, mais precisamente no ano 1700. Por volta desse período o território de Areia era habitado por nativos de denominação bruxará. Ganhando o território a alcunha Sertão de Bruxaxá. Segundo Almeida (1957) o nome de Areia deve-se ao Riacho do Saboeiro que corria no Município, nesse riacho encontrava-se esse material escasso no Brejo denominado: areia.

Por suas condições geográficas, Areia tinha um clima especial, com temperaturas que no passado variavam de 34 a 14 graus, mantendo uma temperatura anual constante de 25 graus centígrados. Seu clima se assemelhava segundo José Américo de Almeida apud André Rebouças a algumas cidades Europeias e Petrópolis. Por seu clima privilegiado Areia tinha uma variedade de flora e fauna bastante extensa com solo fértil para diversas culturas.

Na direção do poente a vegetação muda de fisionomia, entra-se numa faixa intermediária do município, isto é, no Curimataú Paraibano onde floresce

outra grande variedade de plantas, cactos e animais. O solo erodido possui vários tipos de rochedos e minérios não explorado cientificamente. Apesar das chuvas mal distribuídas o solo é propício a criação de animais. Nessa aridez do Curimataú destaca-se a Serra do Algodão, onde hoje se localiza a cidade de Algodão de Jandaíra, Nessa Serra possui uma imensa rocha de difícil acesso denominada Pedra do Caboclo. Nesse rochedo encontra-se uma grande caverna a beira de um precipício, onde no passado foi encontrado um vasto material antropológico.



Figura 1: Pedra do Caboclo.

Fonte: Maria Lucia Lucena Cavalcante: As Perspectivas do desenvolvimento turístico de Algodão de Jandaíra-PB, p. 100

A boca da caverna mede aproximadamente 12 metros de largo por quatro de alto, em forma retangular. Lá dentro, forrado de areia, vasto salão de pavimento abaixo do nível da entrada, encerrava antigamente copioso material antropológico. Várias camadas de areia fina, separadas umas das outras por capas de areia grossa, cobriam ossadas humanas de tamanho fora do comum. (ALMEIDA, H. 1957 p. 51)

Em visita a Furna dos Caboclos em 9 de junho de 1874 o comerciante João Lopes Machado escreve a seu irmão, o escritor Maximiliano Lopes Machado nos seguintes termos:

Descobri até a terceira camada, e a ossada era sempre de tamanho descomunal. Um chapéu de oito pontos seria pequeno para uma

caveira que tive entre as mãos; canelas e ossos da coxa com mais de três palmos; cabelos com mais de vara de comprimento. Também descobri uma tanga de palha de cores, mas que se desmanchava ao mais leve contato. Remeti ao governo da província amostras de tudo isso, acompanhadas de uma descrição da serra e da caverna, que aqui é conhecida pela furna dos caboclos, até hoje sem respostas. O que ainda não pude entender é como ali podia ser para ali conduzidos os cadáveres. (ALMEIDA, H. 1957, p. 52)

Ainda sobre a gruta o professor de latim Joaquim da Silva refere-se em questionário formulado por Ramiz Galvão em 1881.

[...]Consta de suas informações que dentro da gruta havia pinturas e caracteres a tinta encarnada, e que os primeiros visitantes encontraram pequenas esteiras, já apodrecidas, cruces de ossos, varinhas marcadas com riscos a tinta encarnada e outros objetos que bem revelam ter sido aquela caverna destinada a depósitos de cadáveres dos primitivos habitantes da terra. (ALMEIDA, H.,1957, p.53)

Esse material arqueológico foi perdido por descaso do governo e hoje a Pedra do Caboclo encontra-se bastante vandalizada.



Figura: 2 – Gruta do Caboclo.

Fonte: Maria Lucia Lucena Cavalcante: As Perspectivas do desenvolvimento turístico de Algodão de Jandaíra-PB, p. 100

No passado o território onde hoje está a cidade de Areia não passava de um curral por onde passava comboios de animais vindos do Sertão e

Pernambuco com destino as feiras e mercados de Mamanguape, litoral e vice-versa. Com o passar do tempo ao redor desse curral nasceu um pequeno povoado de habitações muito simples que desafiavam o relevo do terreno.

Em 1813 torna-se freguesia de Mamanguape e em 18 de maio de 1815 pelo Alvará Régio torna-se Vila Real do Brejo de Areia. Se desligando de Mamanguape em 1846 dando origem a cidade. Areia possuía um imenso território com várias povoações que posteriormente se desligaram ganhando sua autonomia.

No decorrer do século XIX Areia sofre grandes mudanças, sempre foi um foco irradiador de Cultura, teve um Amor muito especial pelas letras e Artes. No período do Brasil colônia o ensino foi negado aos habitantes destas terras, o colonizador receava dar instrução ao povo com medo de estes saídos da ignorância se revoltassem contra a colônia almejando a independência. A Paraíba não fugia dessa regra, até 1821 só existiam duas escolas na capital e nenhuma no interior, o ensino ainda era muito precário e elitizado sem uma metodologia muito eficaz. Apenas as vésperas de proclamada a Independência foi que o governo criou dez escolas de primeiras letras para o sexo masculino no interior da Paraíba, sendo instalada em 1822 a primeira escola de Areia.

Areia recebe uma escola do sexo feminino em 1836 regida por Dona Umbelina Cavalcante Chaves, sendo suprimida em 1841 por motivos econômicos. Sendo reativada em 1847. No início o ensino era bastante precário com leitura, escrita e matemática, com o passar dos anos foram incluídas outras disciplinas como Francês e Latim. Por mais difícil que fosse as famílias mais abastardas não descuidavam da educação dos filhos, muitos foram estudar no Recife outros saíram indo estudar na Europa.

Areia no século XIX passa por transformações estruturais, aos poucos a cidade passa de um ambiente de características rurais para uma cidade com ar de modernidade aos moldes das cidades europeias ganhando destaque na Região. Areia torna-se a cidades dos sobrados conjugados, escritórios, casas de negócios, teatros, biblioteca. A cultura da cidade foi invejável, com orquestra de músicas, vários jornais, peças de teatro. Seu desenvolvimento econômico

fez com que essa cidade entrasse para a história como uma cidade das letras respirando cultura e arte, no entanto:

Toda a grandeza de Areia ficou sepultada no passado. O progresso tomou outros rumos, deixando isolada a antiga aldeia de Bruxaxá. A estagnação de uma cidade morta, onde nada de novo acontece. As terras cansaram para a lavoura, o comércio murchou, o teatro virou cinema poeira, ao paladar da nova geração apeteceu o café-society. Assim ficou Areia, arquejando à beira da desolação, em luta contra a adversidade, sem mais jornais, sem sociedade dramática, sem biblioteca, sem clube de dança, sem banda de música, numa inferioridade mórbida, que tem raízes profundas nos elementos perturbadores da economia do município. (ALMEIDA, H. 1957, p.199-200)

O século XIX foi considerado o apogeu histórico da cidade de Areia, este clímax está associado aos ciclos econômicos que vivenciou esta localidade com o algodão, café, sisal, cana-de-açúcar e pecuária. Por sua vocação histórica pelas letras Areia escreveu na história nomes consagrados tanto na Política, Arte, Literatura, além de ser hoje uma cidade histórica.

1.1 - Ecos da Revolução Praieira

Areia mal se emancipa em 1846 e seu futuro já reservava grandes problemas de ordem política, econômica e social. Areia sempre foi de grande efervescência política, esteve envolvida em eventos que abalaram a paz nacional, em 1824 caminha com Pernambuco em busca do Liberalismo político na Confederação do Equador, em 1817 enquanto várias cidades paraibanas buscam a implantação do regime Republicano Areia permanece fiel ao governo. Mas em 1848-49 dois anos após sua independência participa ativamente da Revolução Praieira. Movimento do Partido Liberal que nasce no Recife numa rua denominada Rua da Praia, e se alastra pela Paraíba sob o comando de Manoel Pereira de Moraes.

Esse movimento já estava fadado ao fracasso segundo Horácio de Almeida, mas os liberais de Areia mergulharam nele de corpo e alma. Quando a coluna insurgente chega a Areia os conservadores encabeçados por Trajano Chacon abandonam a cidade fugindo para o interior do município. Quando chegam a Areia os rebeldes são acolhidos nas residências de: Dr. Maximiliano Lopes Machado, Joaquim dos Santos Leal, do advogado: Luiz Vicente Borges e do tenente-coronel Antônio Gonçalves Lima.

Por erros estratégicos dos Liberais as forças legais Imperiais sob o comando de Feliciano Falcão adentram em Areia tomando fortes medidas.

Quando o exército imperial entrou em Areia excedeu-se em medidas de represália. Seu comandante – Feliciano Falcão- era homem truculento. A violência da linguagem com que se refere aos vencidos, taxando-os de bandidos, ladrões e réprobos, dignos da maldição de Deus, dá a medida de seu temperamento. (ALMEIDA, H. 1957, p.88).

Não era só na linguagem que Feliciano falcão era forte, mas também em seus atos, a perseguição as famílias dos revoltosos foram fortes.

Mandou arrombar o sobrado da viúva d. Maria dos Santos Leal, mãe de Joaquim dos Santos Leal, a Rua do Sertão, a fim e instalar no prédio seu quartel-general. Também foram arrobadas e ocupadas pela soldadesca as casas de Joaquim dos Santos Leal, no beco da Matriz, do Dr. Maximiliano Lopes Machado, na Rua do comércio, do tenente-coronel Gonçalves Lima, no Largo da Feira, do facultativo sabino da Silva Coutinho, na Rua do Sertão, do professor Antônio Vitor Pereira, na Rua do Comércio, dos ourives José Quirino Calaça Buriel, na rua do sertão e do escrivão Antônio José Vitorino Borges, também na rua do Sertão. (ALMEIDA, H. 1957, p.89)

Quando o coronel Feliciano Falcão retoma o poder em Areia, os revoltosos fogem para o interior da Paraíba, muitos se refugiam em Pocinhos, outros ganham o rumo do Sertão, ele ainda mandou diligências até a fazenda Jandaíra de Joaquim dos Santos Leal onde esse se encontrava-se refugiado, nada encontrando ateou fogo na fazenda destruindo a casa, pasto, animais e ainda vitimando um dos seus moradores (MACHADO, L. M., 1983) As perseguições e saques as famílias dos que participaram da Revolta e de muitas pessoas que não tinha nada a ver com o movimento foram enormes. O processo dos culpados foi mal elaborado e fundamentado.

Ouvidas sumarissimamente as testemunhas arroladas pela Promotoria, proferiu o chefe de polícia sentença de pronúncia contra 18 denunciados envolvidos na intentona. A aligeirada sentença não se funda em razões que convençam. Parece mais um aresto de bolso, mal adaptado ao caso, tão indigente de aspecto jurídico se apresenta, quer na exposição do fato, quer na parte conclusiva, em que inculca aos acusados a responsabilidade dos acontecimentos, sujeitando-os a prisão e julgamento. (ALMEIDA, H. 1957, p.90)

Aos poucos a ordem foi restabelecida e as autoridades locais foram substituídas.

Areia sempre teve participação constante na política Paraibana desde o período Imperial com os partidos Conservador e Liberal, em 1849 Areia ainda sente os choques da Revolução praieira, nesse ano a cidade tem sua paz perturbada com uma tragédia que abala o seu povo, envolvendo duas famílias tradicionais da política Areense, a família Santos Leal que fazia parte do partido Liberal e os Chacon pelo partido Conservador. No dia do pleito eleitoral 5 de setembro de 1849 o candidato Trajano Chacon foi morto numa emboscada impondo-se a autoria do atentado ao seu adversário político. Tratarei do caso mais detalhadamente no decorrer desse escrito.

CAPÍTULO 2

DISPUTAS POLÍTICAS E RELAÇÕES DE PODER

Nesse escrito vamos utilizar a concepção de Poder descrita pelo filósofo Michel Foucault no seu livro: *A Microfísica do Poder* (1979). Este nasceu em 15 de outubro de 1926 em Pointers na França e faleceu em 26 de junho de 1984 aos 57 anos devido a Aids que contraiu. Foucault veio de uma família tradicional de médicos que almejavam que seguisse a carreira medicinal, no entanto não foi o que aconteceu, considerado um filósofo contemporâneo polêmico que possuía um olhar crítico sobre si mesmo. Foi autor de diversas obras que influênciam hoje as ciências sociais. Foucault teve uma vida conturbada e praticou algumas tentativas de suicídio que acabou fazendo com que se aproximasse da Psicologia e Psiquiatria produzindo diversas obras sobre essas áreas de conhecimentos. Foi graduado em História, Filosofia e Psicologia.

Foucault nos seus escritos passou por três fases: Arqueológica, Genealógica e Ética. Para ele o conhecimento devia ser considerado no seu tempo, História e Espaço em cada uma dessas fases elaborou perguntas fundamentais. Nosso objetivo é tratar de como esse filósofo- historiador trata da temática Poder e como estar inserido no corpo social.

Para Michel Foucault o Poder estar disseminado no corpo social, não existindo uma instituição como por exemplo o Estado que detenha todo o poder e controle a vida dos cidadãos. Para esse pensador onde há pessoas convivendo está existindo ali relações de poderes. Nas mais ínfimas esferas da sociedade existe relações de poder, a exemplo escolas, famílias, empresas entre outras organizações sociais. Então para Foucault o poder atravessa toda as formas de convivência entre os seres humanos. Para o autor existe formas dispares de poder e não é algo homogêneo nem unitário, não é algo que tem uma natureza, mas sim foi sendo constituído no decorrer da história.

O poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em determinado lugar, ou emanando de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações, mais ou

menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado. Portanto, o problema não é construir uma teoria do coordenado. Portanto, o problema não é de construir uma teoria do poder (...). (FOUCAULT, 1981 p. 248.)

Então para Michel Foucault o poder não é um privilégio único do Estado, detentor de todos os poderes que comanda toda a sociedade distribuindo seus tentáculos para a periferia, muito pelo contrário, para Foucault as prefeituras e pequenos órgãos também detêm grande poder com relação ao estado e não pode haver mudanças no nível macro se não tiver a influência desses poderes periféricos. No entanto o autor não pretende destituir o estado do seu poder, mas pretende mostrar essas pequenas relações de poder que atravessa o aparelho governamental. Para ele muito dos poderes que ocorrem ao nível micro funcionam independente da influência do estado.

O poder para Foucault na análise de Machado funciona como uma rede de dispositivos que corta todas as relações sociais e nada nem ninguém está isento dessa força. O poder corta o nível macro e micro da sociedade e estão em constante relação e luta então:

[...] O interessante da análise é justamente sugerir que os poderes não estão localizados em nenhum ponto específicos da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível. Daí a importante e polemica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existe de um lado os que detêm o poder e de outros aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada num lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. [...]. (MACHADO apud FOUCAULT. 1979 p. 17-18).

Então na visão de Roberto Machado o poder não é uma posse de nenhuma instituição ou pessoa, é algo que procurasse exercê-lo e manuseá-los conforme os devidos interesses de cada um. O poder é transitório. Nessa visão a sociedade torna-se uma relação de força em que ninguém foge de suas malhas de poderes.

Para Machado Foucault realiza um deslocamento da análise do poder destacando que o estado não é seu único detentor. Analisa os poderes ao nível capilar social, buscando mostrar os poderes das extremidades nos micros espaços sociais e na vida dos cidadãos. Então temos a escola, hospital,

família, sanatórios presídios entre outras instituições como espaços de ação dos micros poderes. Então ao analisar os indivíduos que estão inseridos nas instituições podemos detectar os poderes inscritos em seus corpos através dos seus comportamentos como: gestos, hábitos, atitudes e discursos.

Machado descreve outra forma de poder nos escritos de Foucault: O Biopoder.

[...] Além de constituírem uma “anátomo –política do corpo humano” centrada no corpo considerado como máquina, eles também se realizam por uma “biopolítica da população”, pela regulamentação das populações, por um “biopoder” que age sobre a espécie humana, sobre o corpo como espécie, com o objetivo de assegurar sua existência. Questões como as do nascimento e da mortalidade, do nível de vida e da duração da vida estão ligadas não apenas a um poder disciplinar, mas a um tipo de poder que se exerce no âmbito da espécie, da população, com o objetivo de gerir a vida do corpo social[...]. (MACHADO apud FOUCAULT. 1979 p. 29).

Roberto Machado nos mostra que o poder não tem só aspecto negativo, mas sim seu lado positivo pois fabrica indivíduos adestrando-o e tirando dele sua capacidade de revolta moldando-o conforme os interesses sociais, então:

[...] É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativo: ele ‘exclui’, ele ‘reprime’, ‘recalca’, ele ‘censura’ ele ‘abstrai’, ele ‘mascara’, ele ‘esconde’. De fato, o poder produz; ele produz real; produz domínios de objetos e rituais de verdade. ” O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é esse aspecto que explica o fato de que ele tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo. (MACHADO apud FOUCAULT. 1979. p. 19-20)

A função do poder segundo Machado não é expulsar os homens da vida, mas aproveitá-los ao máximo sua força produtiva afim que sejam úteis para a sociedade, adestrando-o para que sirva aos interesses econômicos, políticos e sociais. Então nesse caso o poder tem a capacidade de fabricar um sujeito dócil. O poder para que fabrique um corpo dócil, precisa produzir também um domínio de saberes que fomente seus posicionamentos diante dos indivíduos.

Para que se fabrique corpos dóceis temos os métodos da disciplina ou poder disciplinar que atua na natureza do indivíduo moldando-o e transformando-o.

[...] Ela é uma técnica, um dispositivo, um mecanismo, um instrumento do poder; são “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhes impõe uma relação de docilidade-

utilidade”; é o diagrama de um poder que não atua do exterior, mas trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista. (MACHADO apud FOUCAULT. 1979. p.21-22).

Para que se estabeleça o controle total dos indivíduos Foucault nos descreve o panopticon, de Jeremy Bentham, no seu livro: Vigiar e Punir (1975) mostrando uma nova organização do espaço que permitia que os sujeitos fossem vigiados sem serem vistos. Fazendo com que introjectassem a ideia de que estavam sempre sendo vigiados. Esta nova tecnologia podia ser utilizada em várias instituições como: a prisão, hospital, escolas, fabricas entre outras. Então temos um olhar invisível gerindo a vida dos indivíduos.

O poder disciplinar controla o corpo minuciosamente fazendo com que nada escape do seu controle, buscando a atingir o indivíduo na sua totalidade. Machado identifica nessa forma de poder quatro características imprescindíveis:

[...] Em primeiro lugar, a disciplina é um tipo de organização do espaço. É uma técnica de distribuição dos indivíduos através da inserção dos corpos em um espaço individualizado, classificatório, combinatório. Isola em um espaço fechado, esquadrinhado, hierarquizado, capaz de desempenhar funções diferentes segundo os objetivos específicos que dele se exige. Mas, como as relações de poder disciplinar não precisam necessariamente de espaço fechado para se realizar, essa é sua característica menos importante. Em segundo lugar, e mais fundamentalmente um controle do tempo. Isto é, ela estabelece uma sujeição do corpo ao tempo, com o objetivo de produzir o máximo de rapidez e o máximo de eficácia. Nesse sentido, não é basicamente o resultado de uma ação que lhe interessa, mas seu processo, seu desenvolvimento. E esse controle minucioso das operações do corpo ela o realiza por meio da elaboração temporal do ato, da correlação de um gesto específico com o corpo que o produz e, finalmente, por meio da articulação do corpo com o objeto a ser manipulado. Em terceiro lugar, a vigilância é um de seus principais instrumentos de controle. Não uma vigilância que reconhecidamente se exerce de modo fragmentar e descontínuo; mas que é ou precisa ser vista pelos indivíduos que a ela estão expostos como contínua, perpetua, permanente; que não tenha limites, penetre nos lugares mais recônditos, esteja presente em toda a extensão do espaço. [...] (MACHADO apud FOUCAULT. 1979. p.22-23).

Conforme Roberto Machado em sua análise dos escritos de Michel Foucault, vimos que o poder não está totalmente sob o controle do estado, ninguém nem instituição detém todo poder. O poder estar disseminado na sociedade nos níveis macro e micro

2.1 - Disputas políticas

Areia sempre teve forte presença na política paraibana, mas com a criação dos partidos Conservador e Liberal Imperial e logo após a proclamação da República torna-se mais sensível sua participação na Política nordestina. Areia dispôs de grandes nomes que desde cedo trilharam esses caminhos gloriosos. Sua participação só não foi de maior importância pois seus filhos se devoravam continuamente por causa das rivalidades e mesquinharias da política do período provocando enorme desunião (ALMEIDA, H. 1957).

No período Imperial Areia também tem seus partidos organizados em Conservador e Liberal. O Partido Conservador era favorável ao Imperador e tinha como Ideal político uma centralização do poder nas mãos do estado deixando pouco espaços para que as províncias pudessem tomar suas próprias decisões, eram favoráveis aos ideais coloniais econômicos e escravocrata, obediência forte ao Estado (Absolutismo), e ao ideal da Igreja Católica, favoráveis a classe senhorial, controlavam o mercado com mãos de ferro. A política Conservadora era no sentido da construção dos monopólios coloniais, prevalência da coroa na tomada de decisões políticas do Império.

O partido Liberal tinha como ideal uma descentralização do poder imperial, queria que as províncias tivessem mais autonomia política, esses proprietários lutavam contra o ideal colonialista do partido Conservador, almejavam comerciar sem ter medos do fisco estadual que sufocavam suas liberdades, sonhavam com a eliminação das barreiras comerciais e mais igualdade econômica. Buscavam o acesso a propriedade, nutriam o ideal de liberdade política e social desejando um sistema parlamentarista para que as províncias tivessem mais liberdades internamente e participação na política Imperial.

O período Imperial foi de grande turbulência com várias revoltas e motins. No que tange ao revezamento desses dois partidos no poder todos eram iguais na forma de governa pois todos eram compostos por membros da elite. Havia um ditado nessa época que “nada mais conservador do que um liberal no poder” (Lewin, 1993). Daí podemos tirar as semelhanças no ideal de governo dos denominados partidos.

Além disso a época imperial foi bastante conturbada politicamente com vários motins e revoltas. Nesse caso temos o poder do povo que se rebelava contra o estado almejando melhores condições de vida ou lutando contra o sufocamento econômico estadual que cobrava grande quantidade de impostos.

A política brasileira e principalmente a nordestina se caracterizou pela formação das Oligarquias, ou seja, o domínio das grandes e ricas famílias no contexto político local. Em Areia temos o surgimento de Família Chacon no poder pelo partido Conservador a partir de 1834 com o senhor: Padre Francisco de Holanda Chacon, que no período era vigário da freguesia. Conseguiu o cargo por força de um ato adicional que determinou a instalação de assembleias provinciais na Paraíba elegendo seus primeiros legisladores.

A segunda legislatura acontece em 1838, mas dessa vez o Vigário Chacon não foi eleito mas toma seu lugar o irmão Dr. Trajano Alípio de Holanda Chacon que era juiz do município de Areia. Este sofreu uma tentativa de deposição conseguindo sufoca-la a tempo. No ano seguinte Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon foi escolhido vice-presidente da Província, esse nasceu em Pilar, Formado em direito, foi promotor público da comarca de 1836 a 1845. Presidente da Província e Juiz municipal, de Areia.

Na legislatura de 1840-1841 os Conservadores não elegem nenhum candidato devido a mudança de gabinete. Os Liberais que estavam em cima elegem Luiz Vicente Borges sendo logo escolhido para a vice-presidência da província. No entanto seu reinado dura pouco pois novamente houve mudança de gabinete e assume o governo Dr. Pedro Chaves (Conservador) em 1841. Este em uma emboscada recebe um tiro na perna atribuindo a autoria do atentado aos liberais sedentos de tomar o poder no cacête.

Na legislatura de 1842 Dr. Trajano Chacon elege-se novamente para assembleia de Areia. Na seguinte 1844-1845 novamente teve êxito sua candidatura. Na legislatura de 1846 temos o partido Liberal novamente no poder, sendo eleitos vários deputados Liberais e entre eles Joaquim José dos Santos Leal. Nessa eleição os Conservadores não elegem um só deputado.

A família Leal surge em Areia com o senhor José Antônio dos Santos Leal que se instalou em Areia depois de ter morado em Alagoa Grande vindo

deportado do Recife por um tio que suspeitou que estava envolvido em jogo de cartas. Adaptou-se rápido ao meio, casando-se com uma moça de família, Espírito Santos Coelho vinda de cabaceiras. Ao chegar no Brejo José Antônio dos Santos Leal exerceu várias atividades, foi importante comerciante, com casa de negócios, bolandeira de descaroçar algodão, agricultura e comprou terras no Brejo e Curimataú onde na fazenda Jandaíra criava animais. (ALMEIDA H, 1957). Ao falecer deixa tudo para a família.

Quando Joaquim dos Santos Leal surge na política já era um homem respeitado e prestigiado, tinha fortuna que herdara do pai e numeroso familiares, era comandante da Guarda Nacional e Tenente Coronel. O caminho seu e de sua família cruza-se intensamente com os Chacon em 1849 com a Revolução Praieira, a eleição e o caso de amor que terminou em tragédia que comprometeu as duas famílias.

As eleições desse período e posteriores não eram fáceis, se realizava num ambiente de intensa perseguição, muitas vezes ocorrendo atentados gravíssimos aos membros das famílias envolvidas. Eram políticas mesquinhas que envolviam agressões pessoais das famílias envolvidas e depredação patrimoniais dos envolvidos politicamente, eram as famosas eleições do cacête. As cidades se transformavam em praças de guerra com insultos, violência e atentados. Eram eleições decididas por meio da fraude eleitoral onde os mais fortes e influentes eram os que ganhavam. O objetivo máximo era ganhar as eleições não importava os meios.

Eram as eleições do mandonismo, coronelistas que reinavam nas terras Nordestinas, onde cada coronel tinha sua capangada, quem era de um grupo político estava marcado pelo adversário, eram eleições do ódio, dos atentados, das depredações, da bala e da faca que reinavam nas ruas intimidando a população. No entanto com todo esse cenário de terror nos pleitos eleitorais Areia conseguiu deixar para a história nordestina homens de grande prestígio em todas as esferas sociais.

No caso das oligarquias temos a luta de um poder mais local em que as famílias se agrediam fisicamente na busca de manter-se no poder. Onde cada

coronel tinha seu próprio contingente militar impondo a seus subordinados em quem deveriam votar no pleito eleitoral.

2.2- A tragédia: do ponto de vista filosófico

Atualmente a palavra tragédia tornou-se uma designação comum para descrever eventos dolorosos ou catastróficos para nós seres humanos. Como eventos naturais que destroem e matam muitas vítimas, ataques terroristas com muitas perdas humanas, desabamento de algum edifício vitimando muitas pessoas ou alguma paixão que acabou em terrível assassinato. No decorrer da história essa palavra incorporou diversos significados.

Para os Gregos a palavra tragédia definia um estilo artístico –literário apresentado nos teatros. Algo que só acometia aos grandes personagens históricos que responsável por suas decisões era castigado pelos deuses quando desobedeciam às leis divinas. A tragédia nasceu do culto ao Deus Grego Dionísio. Deus do vinho, alegria, embriagues, exuberância, excitação e oposto a todos os ideais de harmonia Grego. Esse estilo artístico teve seu momento da maior relevância deu-se no Século V a. C época em que a Grécia vivia envolvida em importantes mudanças.

O vocábulo “tragédia” provavelmente derivou-se de “tragoidia”, uma palavra formada por duas outras: “tragos”, que se traduz por “bode”, e “ōidé”, que quer dizer “canto”. Assim etimologicamente, tragédia significa “canto do bode”. De acordo com uma das interpretações que procuram explicar a causa dessa origem, conta-se que Dionísio em Ícaro, haviam ensinado aos homens, pela primeira vez a arte de cultivar vinhas. Assim que as videiras cresceram, um bode, acusado de tê-las destruído, fora castigado com a morte. Após persegui-lo e esquarteja-lo, os homens, sobre sua pele, começaram a dançar e a beber até caírem desmaiados. Esse acontecimento, ao que parece passou a fazer parte dos rituais dionisíacos e a ser lembrado anualmente. Haja vista que, durante os festivais, após um bode ser oferecido a Dionísio, cantava-se e dançava-se até a exaustão. Tais cantores e dançarinos transvestiam-se em “sátiros, que eram concebidos pela imaginação popular como “homens bodes. (BRANDÃO 1996:10 ibid. SANTOS)

O principal canto que alegrava as festas dionisíaca era o ditirambo composto por elementos dolorosos e alegres que marcavam a passagem de Dionísio aqui na terra perto dos homens em total intimidade.

Para Aristóteles a tragédia era responsável pela katarsis (catarse) ou seja, a purgação das emoções dos expectadores. Este devia sofrer uma espécie de exorcismo interior colocando as emoções para fora do corpo com o destino trágico do Herói na encenação. Devia comover-se, emocionar-se. Isso servia como um remédio purificador do corpo.

Eis a definição de tragédia para Aristóteles no seu livro a poética:

A tragédia é a representação de uma ação elevada, de alguma extensão e completa, em linguagem adornada, distribuídos os adornos por todas as partes, com atores atuando e não narrando; e que, despertando a piedade e temor, tem por resultado a catarse dessas emoções. (ARISTÓTELES, 2004, p.43).

Na Grécia tivemos uma infinidade de atores trágicos, mas os maiores expoentes desse estilo literário foram: Ésquilo (525-455 a. c), Sófocles (495-405) e Eurípedes (480- 405/406 a. c). Muitas obras trágicas desses autores e de outros foram perdidas, chegando até nós poucas, mas que, no entanto, revela o espírito de criação artístico dos Gregos.

Os poemas de Homero tanto Ilíada como Odisseia estão repletos dessas histórias em que o Herói passa por momentos de intensa infelicidade e sofrimento, tendo como fim trágico a morte. Porém seu fim é celebrado, pois, produziu grandes feitos em suas lutas tendo uma morte honrosa.

2.3 - Uma questão de honra: casamento e família.

A mulher brasileira desde o período colonial até as primeiras décadas do século XX foi de um ser subjugado ao poder masculino, que estabelecia seu lugar frente a sociedade. O homem estava à frente das instituições mais importantes do período e comandou os poderes que estabeleceram os discursos que impuseram sua tarefa na sociedade. Durante esse período a mulher foi vigiada e oprimida pelo poder patriarcal que estabelecia as decisões do seu cotidiano e com quem casar, o poder da Igreja Católica que estabeleceu seu espaço na sociedade, o poder do estado e o científico que reforçou o poder Ideológico da Igreja em fins do século XIX e início do XX.

Quando falo da mulher estou me referindo a mulher branca da elite pois as mulheres negras estavam subjugadas aos poderes dos seus senhores sendo obrigadas a trabalhar e servir a este no seu prazer sexual quando o bem quisesse. As mulheres nativas sofreram uma certa misogenia por parte do colonizador sendo está responsabilizada pelos amancebamentos e concubinatos do período colonial. A mulher estava reservada a tarefa de zela pela família.

Cuidar da casa, dos filhos e do marido, configurava-se os atributos da mulher no Brasil desde o tempo de colônia. A condição social da mulher no olhar dos homens, herdeiros dos valores portugueses era de um ser inferior. A mulher ocupa o mesmo lugar onde também eram compreendidos crianças e doentes mentais (RIBEIRO 2000.ibid. MEDONÇA).

A ideologia cristã culpou a mulher por ter cometido o pecado original de Adão e Eva, e por ter sido retirada da costela do homem deveria gratidão ao sexo masculino, essa culpa ela carregara por todo esse período sendo seu corpo demonizado como aquela que incita a volúpia masculina e isso teria que ser combatido, quando o colonizador encontra as nativas nuas sente a necessidade de demonizar esse corpo que era um agente de Satã e deveria ser rejeitado. (BARROS. 2010)

Ao retratar a família deveremos encarar as multifacetadas formas de vivencia desse período, nesse contexto temos o forte poder da igreja e estado definindo as formas de vivencias. Entre as camadas pobres da sociedade

encontramos outras formas de núcleo familiar como o concubinato e famílias em que quem assume a responsabilidade da família é a mulher pois estas conviviam com os frequentes abandonos dos companheiros. A mulher abandonada pelo marido sofria para criar as crianças estendendo os cuidados dessas a outros membros da família ou amigos. Desse modo muitas crianças eram abandonadas aumentando o infanticídio.

Algumas mulheres também assumiram a chefia da família como aconteceu no Mato Grosso:

Langsdorff, nos princípios do século XIX, visitou uma fazenda no Mato Grosso, onde o homem da casa era uma mulher. Vasta matrona de cinco pés e oito polegadas, o corpo proporcionado a altura, um colar de ouro no pescoço. Mulher já de seus cinquenta anos, andava, entretanto, por toda parte, a pé ou a cavalo, dando ordens aos homens com sua voz dominadora, dirigindo o engenho, as plantações, o gado, os escravos (FREYRE 2002, p. 807 *ibid.* SILVA)

O concubinato constituía outra forma de união entre homens e mulheres mais pobres e se fortaleceu em grande parte do território devido as constantes retiradas dos homens desbravadores em busca de riquezas na colônia. Quando abandonadas teriam que trabalhar deixando a família aos cuidados de outros.

A mulher da elite desse período estar incumbida com a esfera privada ficando a seu cargo os afazeres domésticos, e cuidar da prole e do marido, na sua infância já era educada para ser uma boa esposa. Quanto ao homem fica reservado a esfera pública e o trabalho fora de casa. A mulher não podia sair para a rua se não fosse com permissão do seu senhor, ele a tinha como se fosse uma propriedade dele. Ela devia honra-lo.

[...] às mulheres cabia o respeito e a submissão frente a seu senhor; deviam satisfações sobre o que faziam ou desejavam; estavam sob controle rígido, para que não desonrassem a família com atitudes impróprias aos olhos da comunidade. O zelo podia chegar a ponto que um simples passeio nos arredores da casa poderia ser alvo de suspeitas: (...) embora o jardim pudesse ser o local em que se buscava um pouco de tranquilidade e solidão, poderia assumir o sentido inverso e se transformar em espaço de confinamento e fiscalização de mulheres da elite, cujos momentos de lazer e ao ar livre eram, às vezes, controlados por seus familiares (SILVA, p. 5).

O controle da Igreja sobre o comportamento das mulheres foi inquestionável, está controlava a mulher antes e depois de casar, o catolicismo atuava promovendo a contenção do desejo das mulheres depois de casada e

vigiava para que as esposas fossem obedientes e respeitadas com os maridos. Estas mulheres também estavam sendo vigiadas pelo olhar invisível de Deus. Para o catolicismo a Mulher teria que ser um espelho de Maria, a mulher mãe que cuida dos filhos e da casa: a rainha do lar. Aproximando a mulher a um ser sagrado. (MEDONÇA, p.4)

Os maridos eram dominadores, exerciam poderes inquestionáveis sobre suas esposas, nada escapava a seu controle, estas deviam obediência suprema. Ao menor sinal de adultério por parte delas seriam castigadas cruelmente, ou entregues as autoridades eclesiásticas. A sexualidade feminina era totalmente reprimida, quanto ao homem viviam traindo as esposas com prostitutas ou mulheres negras de sua senzala praticando todo tipo de ato sexual alimentando os desejos de sua carne. Os meninos também começavam a vida sexual bem cedo, transavam com animais domésticos da fazenda, moleques negros e as negras ou mulatas de propriedade do pai.

Conforme Horácio de Almeida 1957:

O lugar da esposa era no interior da casa, sempre ocupada nos labores domésticos, lavando, engomando, costurando, cozinhando. Tudo quanto pudesse caber na responsabilidade de uma mãe de família exigia-se dela, casa arrumada, comida na mesa, roupa passada e remendada, filhos cuidados dia e noite – um no colo, outro na barriga – sem a compensação do menor conforto ou carinho. Uma vida de renúncia forçada e, em agravo dessa situação, nem ao menos podia fiar na fidelidade conjugal do marido. Muitos deles, conquanto não fossem garanhões dissolutos, eram espertos em conquistas baratas, a ponto de não poderem as esposas ter mulatas novas na cozinha. (ALMEIDA, H. 1957, p.215-216).

No período imperial temos um outro poder vai se apossar do corpo da mulher: o poder da ciência. Os médicos com muita dificuldade se apossarão da sexualidade feminina e reforçará os preceitos da igreja. Antes como os partos eram feitos por parteiras conhecidas, agora ficam a cargos dos médicos que cuidaram da mulher por toda gravidez ditando aquilo que tem que ser feito. A medicina reforçara o poder da Igreja estabelecendo que a mulher precisa ser casada e cuidar do lar.

[...]. Os médicos procuraram, ao longo do século XIX e Início do XX, ocupar esse espaço. Eles ocupam trazendo para si o controle e o conhecimento e domínio sobre o corpo da mulher. Será preciso, então, encontrar e fortalecer um lugar para esse corpo e concomitantemente se apropriar desse corpo. A mulher precisa então ser casada, do lar. Nesse recanto protetor, o médico vai adentrar e

dirigir e conduzir a mulher do lar com regras e normas. É possível perceber que há uma transição ocorrendo do patriarcalismo sob a tutela do médico na família. É o médico e não o marido quem distribui suas ações. Valores e comportamentos são agora revistos e referenciados com práticas que, aos poucos, são incorporadas como adequadas à mulher 'verdadeira' (conforme o estabelecido pela medicina). (MEDONÇA, p. 5-6).

A medicina reforçou aquilo que era natural para a Igreja, a mulher como a rainha do lar e da família, a boa esposa e mãe dedicada a prole e ao marido.

O espaço da mulher nas primeiras décadas o século XX também vai ser em casa e romper com esse padrão estará quebrando uma longa tradição cultural. Cabe a ela gerir as tarefas do lar, administrá-lo. O homem amparado pelo Código Civil de 1916 adquire total poder sobre a mulher e a família. Até agora temos três poderes oprimindo a vida feminina, o da Igreja, científico e direito. A mulher ao trabalhar fora do lar estava sujeita as mais variadas críticas e preconceitos quebrando as leis sagradas do matrimônio.

A condição da mulher na história brasileira foi de um ser vigiado, um ser silenciado, sofrendo com o patriarcalismo do pai e do marido, além de ser oprimida pelas mais importantes instituições do período que estabelecia seu lugar frente a sociedade.

CAPITULO 3

UMA TRAGÉDIA PARA O CURIMATAÚ.

Não é de hoje que a Fazenda Jandaíra, berço da cidade de Algodão de Jandaíra comove seus moradores com suas tragédias, já em 1849 ela foi um dos palcos de um crime que comoveu a cidade de Areia. Levando duas famílias tradicionais politicamente daquela localidade a ruína. A fazenda Jandaíra era no passado a fazenda de criação da família Santos Leal, era normal nesse período pessoas do brejo terem fazendas no Curimataú para passar o período chuvoso do brejo, fugido do frio e do lamaçal. Essa fazenda com três léguas de terra já chegou no passado a produzir 400 bezerros por ano segundo Horácio de Almeida (1957).



Figura 3: Antiga residência da Família Santos Leal, Fazenda Jandaíra.

Fonte: Algodão de Jandaíra- PB. Blog- Oficial. Disponível em: <http://algodaodejandaira.blogspot.com.br/>

Tal fazenda também foi posteriormente um dos cenários para parte da doce infância de José Américo de Almeida. Onde também nos períodos chuvosos de Areia vinha até ao Curimataú passar a temporada fugindo do frio e lamaçal.



Figura 4: Antiga residência onde José Américo de Almeida passou parte de sua infância.

Fonte: Algodão de Jandaíra- PB. Blog- Oficial. Disponível em: <http://algodaodejandaira.blogspot.com.br/>

Em 1849 essa fazenda abrigou uma Sertaneja de nome: Carlota Lúcia de Brito durante uma emboscada que vitimou um dos políticos mais influentes da cidade de Areia, o Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon chefe do partido Conservador Imperial que na época estava no poder juntamente com a majestade Imperial.

O que se sabe de Carlota Lúcia de Brito segundo Horácio de Almeida (1957) é que esta era natural do Sertão de Pernambuco, más precisamente do Pageú das flores, chegou a Areia em 1845 tangida de uma seca que assolou o Sertão. Carlota fora casada com um fazendeiro de nome Jovino que foi assassinado no Sertão por motivos não esclarecidos. Segundo o autor não se sabe se o crime aconteceu antes ou depois de sua chegada a Areia, pois as autoridades deixaram de fazer todo o levantamento de sua vida passada. No entanto José Américo de Almeida (1976):

[...] tenho, no entanto, a idéia de que não deixou o Pageú por esse motivo, senão devido a qualquer circunstância relacionada com o assassinato do seu marido Jovino (não se de quê). Se fosse por necessidade, seu caminho teria sido outro. E, por sinal, trouxe escravos, animais de carga e o dinheiro com quem comprou a fazenda Cantinhos. (ALMEIDA, J. A. 1976, p. 75).

Horácio de Almeida também sustenta uma versão que Carlota teria sido a mentora intelectual do crime do marido. José Américo de Almeida (1976)

afirma que Carlota viveu uma região familiarizada com o cangaço, terra de Antônio Silvino e Lampião.

Carlota chega a Areia numa posição totalmente diferente dos outros retirantes, esta traz consigo a filha Jovina no frescor da idade e afeita nos encantos do sexo, mas que em termos de beleza perdia para a mãe, escravos, alfaias, dinheiro e animais de carga. Durante esse período Areia crescia seu número populacional por causa do êxodo provocado pela seca. Os flagelados pobres passando fome vinham em busca de sobrevivência nas terras férteis e chuvosas do Brejo Paraibano.

Segundo Horácio de Almeida (1957) Carlota quando chega a Areia tinha por volta de 30 anos, José Américo de Almeida (1976) sustenta que ela tinha 28 anos. Era uma mulher branca, bonita, elegante, inteligente, insinuante, encantadora de aparência frágil, trabalhadora, mulher resoluta que ao chegar a Areia conhecia como ninguém a economia do lugar.

Ao chegar a Areia Carlota Lúcia de Brito passa pouco tempo na cidade, mas o suficiente para comprar a fazenda Cantinhos nos limites do agreste com o Curimataú. O encontro de Carlota com o tenente coronel Joaquim José dos Santos Leal que tinha a alcunha de Major Quinca aconteceu por coincidência, pois a fazenda adquirida por ela ficava no caminho em que o tenente passava para ir para sua fazenda de criação Jandaíra no Curimataú. Ao vê-la ficou encantado com aquela mulher, surgindo daí uma amizade que em pouco tempo tornou-se de cama e mesa. Segundo Horácio de Almeida (1957).



Figura 5: antiga residência de Carlota: fazenda Cantinhos. Hoje localizada no território da cidade de Remígio.

Fonte: Caso Carlota 1. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=DfsmqlzQ378>

Carlota casou sua filha com Pedro Bezerra de Meneses passando os dois a morar na fazenda Cantinhos, Carlota e o amante fora residir na Cidade de Areia curtindo os frutos de sua paixão. Os dois viviam despreocupados passeando na cidade de braços dados para cima e para baixo. Causando certa raiva nas principais famílias da cidade que consideravam uma afronta o romance, principalmente seu adversário político Dr. Trajano Chacon. Esses passeios do major Quinca com Carlota na cidade ficou imortalizada em uma música de súplica que os presos cantavam ao fazer suas faxinas jogando suas latrinas no monturo:

Rua abaixo, rua acima
 Com meu chapéu de bolota,
 Me solte seu major Quincas
 Me valha dona Carlota! (ALMEIDA, H. 1957, p. 94).

Pelos costumes sociais, e religiosos da época era inadmissível aquela união sem as bênçãos da Igreja e a chancela da lei, era um escândalo a união

dos dois, Carlota passou a ser uma senhora dona frequentando a sociedade segundo José Américo de Almeida (1976). Passando Carlota a ser tachada de prostituta pelo principal adversário político de Major Quincas. Tudo se agravou com a Revolução Praieira de 1849 em que o amante foi um dos líderes do movimento participando ativamente e saindo foragido pelas tropas Conservadoras para sua Fazenda Jandaíra. Carlota ficou administrando os negócios do amante enquanto estava foragido com muita responsabilidade. O evento Revolucionário aumentou ainda mais o ódio contra o seu adversário político e conseqüentemente as hostilidades contra Carlota. Horácio de Almeida (1957) enfatiza que:

O austero chefe do partido conservador não tolerava Carlota, a quem Chamava de prostituta, já se considerando ultrajado só em morar vizinho á odiada criatura. Por mais que proibisse a esposa de dar confiança a amante dos Santos Leal, as duas senhoras sempre se falavam nos passageiros encontros à porta da rua. Um dia, surpreendendo-as em palestra na calçada de sua residência, correu com Carlota aos impropérios, sob ameaça de discipliná-la á rebenque na primeira oportunidade. E no auge daquela exasperação arremessou um pontapé na inimiga jurada, que não atingiu o alvo pela agilidade da defesa” (ALMEIDA, H. 1957, p.94-95).

Ainda sobre as hostilidades contra Carlota José Américo diz: “[...] primeiro foi o fato de ele mandado afastar da igreja cadeira de Carlota que estava próxima da de sua mulher. Não admitia que as duas se falassem”.

E segue:

“Outro caso. Encontrou-a em casa de seu irmão, o vigário Francisco Chacon, onde fora marcar o dia de um batizado em que seria madrinha, e atritara-se. Também não gostou que Carlota se tivesse apresentado na festa da Padroeira usando um vestido do modelo de sua esposa” (ALMEIDA, J. A. 1976 p. 76).

Segundo José Américo de Almeida (1976) o pivô da desgraça sofrida por Dr. Trajano Chacon se deu quando Carlota tinha-se escondido na residência do irmão o vigário Chacon durante a invasão das forças conservadoras Imperiais para reprimir os revoltosos. Estando a família do líder conservador também naquela residência e chegando ele e encontrado a sua odiada inimiga junto com os seus. Censurando o irmão falou: “ como é que você recebe em sua casa uma prostituta?!”. “Carlota repeliu a ofensa com arrogância do seu sangue e passou a ameaça-lo de morte, dizendo que ele não criaria os filhos.

Há quem diga que nessa ocasião ela foi agredida fisicamente” (ALMEIDA, J. A. p. 76).

Nesse caso podemos perceber uma pequena divergência entre o escrito de José Américo de Almeida e Horácio de Almeida. José Américo argumenta que esta estava na casa do irmão de Dr. Trajano Chacon quando foi agredida. Horácio de Almeida afirma que a mesma estava de conversava com a mulher do Dr. Chacon quando foi agredida com um pontapé que não há atingiu pela agilidade de Carlota.

O fato e que foi dessas agressões verbais e desse pontapé que Carlota manda assassinar o líder do partido Conservador. Conforme Horácio de Almeida (1957):

Ali mesmo, diante da desfeita sofrida, Carlota jurou vingança. Era o instinto de fera a ferver no sangue da sertaneja indômita, acostumada com os de sua raça ao desforço das ações violentas, como medida repressora da desonra ou da justiça. Voltou para junto do amante em Jandaíra, determinada a satisfazer sua paixão, sem medir consequências. (ALMEIDA, H. 1957, p. 95)

Carlota para cumprir sua vingança pessoal no estilo dos de sua terra, manda chamar a Jandaíra seu primo Antônio Correia, de apelido Antônio Brabo que morava em sua antiga terra Pageú das Flores. Antônio Brabo falou a Carlota que não poderia agir sozinho precisando de ajuda para a empreitada, Carlota então manda que convide Antônio José das Virgens de alcunha Beiju que trabalhava para o amante desde menino para cumprir a tarefa de eliminar o chefe do partido Conservador. Beiju rejeitou o convite não acreditando no que estava acontecendo. Carlota então insiste para que Beiju acompanhe Antônio Brabo na empreitada sob promessa de ser bem recompensado e que nada temesse.

Areia nesse período preparava-se para as eleições para deputado envolvendo o tenente coronel Dr. Trajano Chacon pelo partido Conservador e o amante de Carlota que se encontrava foragido pelo partido Liberal. Se encontra Joaquim em Grande desvantagem no pleito pois, se encontrava foragido e seu partido tinha sido apeado do poder. Se sentindo inseguro de ser apanhado pela polícia em Jandaíra o Major Quicas resolve ir para local mais seguro partindo para São João do Cariri ficando em casa de parentes.

Resolvida a participação de Beiju na tentativa criminosa, partiram os dois assassinos de Jandaíra com direção ao Brejo de Areia, vinham bem armados e montados. Mas antes passaram em cantinhos onde encontraram Galdino Guedes da Silva na casa da filha Jovina, este era amigo de Carlota, mas não sabia do plano da mandante para assassinar Dr. Trajano Chacon. Pernoitaram todos em cantinhos. Beiju e Antônio Brabo revela o plano para Galdino Guedes nessa noite e convidando-o para participar da ação criminosa, este aceita de imediato.

No dia seguinte partem os três para Gruta Funda dirigindo-se a casa de Manoel Joaquim dos Santos Leal, casado com uma irmã de Major Quincas. Manoel Joaquim dos Santos Leal era conhecido por Manoel Cachimbo e estava envolvido nas maquinações de Carlota e tratou de ocultar os assassinos em sua residência aonde passaram a noite. Durante esse tempo Manoel Cachimbo manda um dos seus a Areia para saber de seu cunhado Manoel José dos Santos Leal de alcunha Neco, se a vítima estava no local combinado. Recebida a afirmação que Dr. Trajano Chacon estava na cidade, partiram os três para o Mazargão onde foram recebidos por Galdino Guedes que enquanto tomava algumas medidas não relacionadas com o crime escondeu os assassinos na casa de Antônio da Costa que tinha fama de capanga desde môço.

No dia 2 de setembro de 1849, em um domingo ao cair da tarde partiram os três para Areia muito bem armados. Depois de terem guardado os cavalos no sítio Pirunga Chegaram a casa de Neco que os aguardava com impaciência. Estes jantaram e dormiram, na madrugada foram emboscar o Dr. Chacon que se encontrava no Sítio Jaqueira com a família próximo a cidade. Neco os levou ao Fim da Rua do Sertão ao pé de uma ladeira e mostrando uma outra vereda entre a mata que poderia tomar caso precisasse. Os homens ficaram até as oito horas da manhã como a vítima não passou na hora esperada resolveram se retirar para casa de Neco passando antes na residência de Maria Beiju para tomar café. Ao tomar o café viram quando Dr. Trajano Chacon subia a cavalo em direção a cidade.

Na manhã seguinte armaram nova emboscada, agora sem a participação de Galdino Guedes que desistiu do atentado voltando para o

Mazargão sem estabelecer novos contatos com os assassinos. Galdino pagará caro por essa participação criminosa com Carlota. Outra vez foi frustrada a emboscada pois Dr. Chacon Não passou na zona perigosa. Repetiu-se a tocaia na terça com o mesmo fracasso. Dessa vez segundo José Américo de Almeida (1976) a presa foi acompanhada.

Na quarta-feira 5 de setembro, dia de pleito eleitoral em Areia para deputado geral. Envolvendo os candidatos Joaquim José dos Santos Leal pelo partido Liberal e Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon Conservador aconteceu a tragédia. Dr. Chacon venceu a eleição com margem de 24 votos. Elegendo-se também Dr. Manoel Correia de Lima para suplente, este assumindo a cadeira de Dr. Chacon após o assassinato.

No dia do pleito Beiju e Antônio Brabo desentenderam-se, Beiju queria sair fora da empreitada, no entanto Antônio Brabo conseguiu acalmá-lo e alertou que os dois estavam encarregados da empresa.

O Dr. Trajano Chacon estava na cidade comemorando a vitória com os amigos na casa do irmão Vigário Chacon, as comemorações entraram pela noite. Mais ou menos as dez horas da noite Dr. Chacon partiu a cavalo para seu engenho indo comemorar a vitória do pleito com a esposa. No caminho ao sopé de uma ladeira perto de seu engenho deu uma parada para saborear uma pitada de rapé. Quando foi atingido por um tiro de bacamarte que partiu da ribanceira a esquerda do interior de uma plantação de bananeiras. Com o susto seu cavalo foi projetado ao chão, ferido com o chumbo Dr. Chacon correu em sentido oposto na direção do engenho Quebra de Inácio Bento de Ávila Cavalcante por onde poderia pedir socorro. Este era perseguido por dois vultos, Antônio Brabo que pedia para Beiju atirar pois o homem estava indo embora.

Um segundo disparo atingiu a vítima nas espáduas, levando-a de arremesso ao solo, mas Chacon ao levantar-se, compreendeu que era tarde demais para escapar à sanha assassina de seus perseguidores. Vendo Antônio Brabo chegar-se a ele, de arma branca à mão, ajoelhou-se, suplicando que o não matasse, em resposta, o facinora deferiu-lhe quatro facadas mortais. (ALMEIDA, H. 1957, p. 98-99).

Ao realizada a vingança, sem perda de tempo os criminosos pegaram os cavalos que tinham deixado no sítio de Neco e partiram rapidamente para

Jandaíra dar conta da tarefa realizada a Carlota, mas antes passaram na fazenda Cantinhos dando notícias do acontecido ao genro de Carlota e a filha que ficaram felizes com a realização do assassinato. A mandante do crime também ficou feliz com a realização da empreitada.

A descoberta do crime só aconteceu no outro dia as oito horas da manhã. Seu irmão o vigário Chacon dormiu tranquilamente certo de que o irmão se encontrava seguro no seu engenho. A mulher de Dr. Chacon estava preocupada mais se conformou pois pensava que este estivesse ficado na cidade em virtude da eleição. O certo é que todos ficaram chocados com a notícia do assassinado do líder Conservador.

Dado o alarme, entra a cidade em reboiço. Depois de muita batida, principalmente ao pé da ladeira, onde fora encontrada a caixa de rapé, descobre-se afinal o cadáver no valado de Inácio Bento, ajoelhado, na postura em que caíra, implorando misericórdia, aos pés do matador. Foi uma cena terrível que emocionou fundamente a população, sem discriminação de partidos. O sino da matriz não parou naquele dia de dobrar a finados, oprimindo ainda mais o ambiente com suas plangentes. (ALMEIDA, H. 1957, p.99).

As primeiras suspeitas do assassinato foram por motivos de ordem política, e recaiu sobre o seu principal adversário Joaquim José dos Santos Leal. Falava-se em prendê-lo, outros mais exaltados cogitavam em eliminá-lo, preocupado com o desfecho da situação Manoel Joaquim dos Santos Leal despacha um dos seus para prevenir Carlota na fazenda Jandaíra do perigo que corre o Major Quincas. Carlota não perde tempo em tirar o amante para um local seguro, e manda os dois assassinos a caminho de São João do Cariri levando uma carta de Manoel Joaquim e recados de Carlota.

Joaquim dos Santos Leal estava na casa do amigo Antônio da Costa Salgado em São João do Cariri quando recebeu a notícia de Beiju e Antônio Brabo. Ficou surpreendido com o acontecimento, tratou de retirar-se para o Jardim do Seridó onde iria se encontrar com Carlota. O Major Quincas nada tinha com o ocorrido, mas talvez não tivesse todo alheio as maquinações da amante. A partir desse momento o líder Liberal levou uma vida errante no Sertão foragido pela polícia pois, não teve a atitude de repudiar a amante, deixou a que o coração vencesse o cérebro permanecendo com ela. Por isso assumiu a responsabilidade do crime. Essa atitude lavarà ele e sua família a ruína.

Neco na noite do crime e dias anteriores vinha cometendo imprudências levantando suspeitas contra sua pessoa.

[...]Saia de casa à vista de todo mundo, acompanhado dos criminosos, até o local da emboscada. Deixava-se lá, voltava a pombear a vítima, agindo sem nenhuma precaução, até o dia em que correu para prevenir os sicários: "O homem vem aí, segurem-no!" (ALMEIDA, H. 1957, p.100-101).

Era homem agitado, turbulento, com apenas 22 anos e casado com uma mulher também de nome Carlota (Calota do Maxixe) que dele se esqueceu. Neco contratou dois homens para dar uma surra em Francisco Guedes, no entanto o serviço não chegou a se realizar. Este pelas suspeitas que recaía sobre sua pessoa resolve fugir a conselho da família, no entanto no dia da fuga foi preso em Gruta Funda pela polícia na casa de sua tia com as malas na mão. Neco ao ser transferido para o presídio da Capital evadiu-se espetacularmente para o Sertão da Paraíba e Rio Grande do Norte. Seu irmão Antônio José dos Santos Leal foi recolhido pela polícia e foi atacado por Malunguinho onde ia sendo assassinado caso não fosse o carcereiro.

Manoel Joaquim dos Santos Leal estava foragido pelo interior do município de Areia desde o evento revolucionário no qual estava entre os 18 pronunciados, sua situação se agravou depois da morte do Dr. Chacon pois deu colaboração aos criminosos. A 24 de dezembro do mesmo ano enquanto assistia uma missa no sítio Moquém foi morto assassinado por Felipe Guedes irmão de Francisco Guedes ao qual Neco tinha contratado homens para dá uma surra.

Com a suspeita de crime político que recaía sobre o Major Quincas, os Conservadores Areenses excediam-se nas perseguições aos Liberais.

[...]Era o ódio partidário dos Conservadores que se punha em ação. Praticava-se uma política sem nobreza, quase de extermínio ao adversário, com vexames aos membros da família e atentados inclusive a propriedade privada particular. A exacerbação de ânimos andava pelas alturas, não só pela brutalidade do crime como também, e principalmente, porque a morte do Dr. Chacon se convertera em caso político. Novas feridas se abria, fazendo derramar copioso sangue, que a terra enxugava sob túmulo mal cobertos. A fúria de perseguição dava pasto a delações e atentados de toda sorte, sobretudo da parte dos que desejavam subir na admiração e estima das autoridades constituídas. (ALMEIDA, H. 1957, p.102-103).

A perseguição dos Conservadores era sem medida, José Joaquim dos Santos Leal familiar de ilustre políticos Liberais alheio ao crime era perseguido pelo Seridó como bicho Escapando de ser morto por pouco em emboscada. Para pagar o custeio das diligencias policiais em sua busca as autoridades venderam o gado de sua fazenda. A fazenda Jandaíra do Major Quincas foi incendiada. A viúva Dona Maria dos Santos Leal assustada com a desgraça que caía sobre sua família resolve sair de Areia sendo impedida pelo delegado Nuno Guedes de Miranda Henriques. Teve que sair escondida altas horas da noite acompanhadas das filhas solteiras e pessoas amigas que a levaria para Pedras de Fogo.

Claudino José dos Santos Leal um dos filhos da família Leal teve que larga os estudos para assumir a casa de sua mãe que estava ao abandono em Areia, no entanto não aguentou os abusos por parte das autoridades locais.

Um ano e cinco meses após o crime, de Dr. Chacon, ou seja, a 6 de fevereiro de 1851 saiu a sentença proferida pelo delegado Nuno Guedes de Miranda Henriques, com os seguintes acusados: Joaquim José dos Santos Leal, Carlota Lúcia de Brito, Manoel José dos Santos Leal, Antônio Correia (Antônio Brabo), Antônio José das virgens (Beiju), Galdino Guedes da Silva e Antônio Jose da Costa.

Desses só os dois últimos estavam presos. Manoel dos Santos Leal foi excluído do processo, Neco e Beiju um mês depois da sentença foram presos, Carlota o amante e Antônio Brabo estava sumidos. Esse último depois de ter andado foragido pelos Sertões volta aos limites de Areia ficando oculto na região. O chefe de polícia da Paraíba oficiou todas as províncias do Nordeste para captura de Carlota e Major Quincas com nota contendo as características dos dois acusados.

O delegado de polícia da Vila de Campo Maior no Piauí começou a suspeitar de um casal novo na cidade, que não tinha relações familiares com os moradores nem estavam fazendo negócios na cidade. Carlota e o amante estavam usando identidades falsas. Ela Cândida da cunha Cerqueira e ele José Ferreira da Silva Rebêlo vindos de Inhamum com escravos, cargas e almocreves dizendo que eram proprietários em Goiana. Após algumas

investigações feitas pelo delegado local não teve dúvida estava diante dos foragidos de Areia efetuando a prisão de todos da caravana e encaminhando os delinquentes para o presídio da Capital.

Antônio Brabo acompanhou Carlota até Inhamum depois retornou para a Paraíba ficando oculto no município de Alagoa Nova em lugar chamado São Gonçalo, este fez camaradagem com um escravo de nome Manoel também foragido pertencente à Manoel de Maria Rosas que andava pela mesma região. Enquanto Antônio Brabo fez uma de suas saídas a Areia em busca de alimento, Manoel (escravo) foi até ao Vigário Chacon e comunicou do paradeiro do assassino, este prometeu que se Manoel desse fim ao assassino do irmão daria a liberdade e outras vantagens. Agora era só esperar o momento oportuno pois Antônio Brabo já estava desconfiado do escravo, até que em 18 de setembro de 1851 Manoel matou Antônio Brabo com um violento golpe de machado fazendo saltar os miolos do assassino enquanto este dormia.

Em dezembro os presos chegaram a Areia vindos da capital, em plena temporada festiva da padroeira. A chegada dos condenados foi um espetáculo humilhante, as ruas se encheram de curiosos para contemplar aquele momento triste em que Joaquim dos Santos Leal um dos homens mais respeitados da cidade estava submetido.

[...]Joaquim dos Santos Leal entrava escoltado em condições humilhantes. Vinha algemado, as pernas amarradas por baixo da barriga do cavalo, vergado sobre o arçã da cela ao peso atmosférico que lhe esmagava a alma. Assim subiu a rua do bonito, atravessou o Beco do Jorge, seguiu pela rua do comercio, largo da feira, Rua do Rosário, até o pátio da cadeia velha. Atrás dele, em idênticas condições, os outros presos, Neco, Beiju, Galdino Carlota e Antônio da Costa. Para um homem do quilate moral do major Quinca, a degradação daquela entrada na cidade natal, onde fora chefe político, comandante da guarda nacional, respeitado de todos, equivalia à pior das condenações. (ALMEIDA, H. 1957, p. 106).

Passada a festa da padroeira os condenados foram julgados separadamente pelo Juiz Francisco de Assis Pereira Rocha, o promotor Manoel de Sousa Garcia na acusação e o advogado Manoel de Aragão e Melo na defesa. Galdino Guedes foi julgado primeiro em 11 de dezembro de 1851, sendo condenado a prisão perpetua. Carlota e Beiju foram condenados a morte. Neco á 23 anos e 4 meses de prisão. Antônio José da Costa foi absorvido e Joaquim dos Santos Leal foi condenado a 20 anos de galés.

Durante o seu interrogatório o Major Quinca negou sua participação no crime falando que era inocente.

No entanto esse julgamento foi anulado pois declarou-se que o juiz que presidira o júri foi incompetente na fundamentação dos fatos. Enquanto os réus aguardavam o novo julgamento foram levados para o presídio da capital. Carlota, Beiju e Galdino. Joaquim e Manoel dos Santos Leal foram recolhidos para o quartel da força de linha em virtude das patentes que estes tinham.

O novo julgamento ocorreu em abril de 1853 pelo júri de Areia. Repetiu-se a cena dramática dos acusados na chegada a Areia. Foi um julgamento marcado pelos interesses políticos partidários contrários ao Major Quinca. Os jurados queriam a prisão perpetua do Major Quinca, mas o juiz rejeitou o pedido. O processo contou com apenas um novo depoimento de uma escrava que nada sabia do acontecido. O que mudou da primeira condenação foi que Carlota que tinha sido condenada à morte agora recebeu a condenação de galés perpetua.

Apesar dos Júri ter agido em função dos interesses partidários as decisões não agradaram o situacionismo político. Quando se tratava de oprimir os adversários não se tinha limites e todas penalidades eram permitidas. José das Virgens foi julgado pelo Juiz substituto Fausto Benjamim da Cruz Gouveia que lavrou sua sentença de morte. Dessa condenação houve apelo para o Imperador que nesse caso costumava reduzir a pena de morte para prisão perpetua, no entanto, a família Chacon não sossegou em tomar providencias para que o condenado fosse enforcado. Em 20 de março de 1860 Beiju foi condenado a forca pelo Imperador, o governo da Paraíba recebeu a sentença 21 dias após, em 11 de abril. O suplicio foi realizado a 8 de maio de 1860, houve uma comoção total na cidade, na hora em que Beiju se precipita com a corda no pescoço esta arrebenta-se, este acontecimento foi tomado como sinal de inocência, no entanto foi realizada nova tentativa e dessa vez o condenado padece suspenso. Os outros condenados foram cumprir a prisão no presídio de Fernando de Noronha.

A família Santos Leal composta por 12 membros 6 homens e 6 mulheres, enfrentaram duras provas durante o restante da vida, esta teve um final dramático castigados pelo destino. José dos Santos Leal casado com Rosalina dos Santos filha de um rico comerciante, morreu vítima do Cólera em 1856. Antônio José dos Santos Leal e José Antônio dos Santos Leal foram atingidos pela cegueira recolhendo-se a Fazenda Jandaíra onde morreram sendo enterrados no cemitério próximo a casa. Manoel José dos Santos Leal cumpriu a pena no presídio de Fernando de Noronha regressa à Areia em estado deplorável cego e louco passa os últimos dias também na Fazenda Jandaíra. O antigo Ilustre Chefe do partido Liberal Joaquim José dos Santos Leal também ficou cego e traumatizado com o desgosto sofrido durante sua vida, mais ainda pelo abandono da companheira a quem o arrastou para aquelas condições subumanas. Este morreu no presídio no presídio de Fernando de Noronha. Claudino José dos Santos Leal depois de formado constituiu família e foi morar no Cariri.



Figura 6: Ruínas do cemitério onde estão sepultados entes da Família Santos Leal.

Fonte: Algodão de Jandaíra- PB. Blog- Oficial. Disponível em: <http://algodaodejandaira.blogspot.com.br/>

Quantos as mulheres da família Santos Leal todas casaram-se. D. Mariana com Francisco Torres. D. Maria Emília, casada com Matias Soares, mãe do Ilustre Monsenhor Valfredo Leal e avó de José Américo de Almeida. D. Justina, casada com Manoel Mota avó do Saudoso Antônio Simeão dos Santos

Leal. D. Joana, casada com Manoel Joaquim dos Santos Leal. D. Francisca e D. Paulina primeira e segunda esposa de Manoel Borges havendo filho apenas do primeiro matrimônio.

Quanto a família Chacon está também não teve um final feliz. Os dois irmãos padres fragilizados pela idade tiveram um fim de vida triste esquecidos dos amigos e menosprezados pelos estranhos. A casa onde o vigário Chacon passou os últimos dias de vida parecia uma estrebaria. Ali sofreu as suas dores acompanhadas de um jumento que pastava no quintal até 1886 quando veio a óbito. Dr. Trajano Augusto de Holanda Chacon deixou um filho com o mesmo nome, que com o passar do tempo formou-se em medicina indo morar no Recife onde pouco tempo depois de casado foi mordido por um cão raivoso morrendo de Hidrofobia. Um outro filho que deixou por fatalidade sucumbiu a tiro de espingarda no Recife no governo de Dantas Barreto.

Quanto a Carlota:

[...] único personagem desse drama que sobreviveu a todos os acontecimentos, longe de se abater-se, soube tirar proveito da tragédia com que cobria de luto e opróbrio duas famílias das mais distintas. Em Fernando de Noronha chegou a gozar de regalias especiais, por conceder favores ao diretor do presídio. Fora para lá com 40 anos de idade, pouco mais pouco menos, mas ainda em boa forma, dona de magnífica carnação, capaz de pegadão sexual sem continência. Mesmo quarentona, uma espécie de fluido capitoso parecia emanar da voluptuosa criatura. Sustentou amigação com o diretor do presido por muitos anos, sem mais levar em conta o companheiro de infortúnio, que cego e abandonado, amargurava as consequências de sua aventura amorosa (ALMEIDA, H. 1957, p. 113).

Em 1890 Carlota foi beneficiada pelo decreto provisório de Proclamação da república que reduziu sua pena para 30 anos de galés, indo morar no Recife onde padeceu velha dona de uma pensão de estudantes que abrigava vários filhos de Areia. Enquanto o Vigário Chacon comandou a igreja nunca batizou uma criança com o nome de Carlota, pois considerava amaldiçoado por Deus e a Virgem Maria.

Segundo José Américo de Almeida (1976) Carlota não estava Arrependida do acontecido, só lamentou ter levado a ruina uma das famílias mais ilustres da política areense.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho podemos observar o quanto foi importante a cidade de areia no contexto social, econômico e político durante sua história. Essa localidade foi palco de eventos de repercussão nacional conforme podemos constatar no escrito.

Podemos também observa as disputas políticas e suas relações de poder no seio da política nordestina e nacional durante o Brasil Imperial. E definimos o que é tragédia já que a esse escrito tem como objetivo principal tratar de uma que abalou a sociedade areense durante o ano de 1849.

Vimos também a condição da mulher do período colonial até as primeiras décadas do século XX ressaltando o machismo que sofreram e o poder das instituições que reforçava o poder do homem sobre o gênero feminino.

Por último podemos observa o crime de Carlota, essa Sertaneja que chegou a Areia e provocou uma tragédia que ficou na história dessa cidade, levando duas famílias tradicionais da política a ruína.

O objetivo desse escrito foi descrever tal fato e salientar algumas mudanças que ocorreram com esse evento trágico. Em primeiro lugar: segundo Horácio de Almeida a forma de se fazer política mudou depois desse evento em areia.

Posteriormente a tal evento a Família Santos Leal ainda produziu uma serie de figuras de renome nacional, com representantes em diversas áreas conforme José Américo de Almeida.

Quanto a família Chacon não tiveram melhor sorte. Os dois irmãos do Dr. Trajano Chacon morreram abandonados dois amigos. Os filhos do líder Conservador tiveram fins desagradáveis igual ao pai.

A partir também desse evento traumatizante podemos perceber a germinação da cidade de Algodão de Jandaíra com a fazenda Jandaíra, pois essa foi a que deu origem a essa cidade localizada no Curimataú paraibano.

Outro traço importante do devido escrito foi buscar a gênese da cidade de Algodão de Jandaíra, buscando construir a historicidade dessa localidade amada por seus filhos, despertando o interesse em geral para a busca das raízes dessa cidade. Fazendo conhecer por parte do cidadão e comunidade acadêmica sua história, fortalecendo os laços de identidade dos seus habitantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Horácio de. **Brejo de Areia**: Memórias de Um Município. Set. 1957.

ALMEIDA, José Américo de. **1887-Memórias**: Antes que me esqueça. F. Alves, 1976.

ARISTÓTELES. **Vida e Obra**. Editores: Eliel Silveira Cunha, Fernanda Cardoso. São Paulo: 2004 Nova Cultural Ltda. Col. Os Pensadores.

Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=2&ved=0CCoQFjAB&url=http%3A%2F%2Fseer.fclar.unesp.br%2Ffiberoamericana%2Farticle%2Fdownload%2F3495%2F3266&ei=IQBFVbLkJ5DLsASR6YH4CQ&u sg=AFQjCNHfqpKUmxB2SMI_BHLyjwL3YULhMg>. Acesso em: 2 jan 2015.

As relações de poder em Michel Foucault: reflexões teóricas. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rap/v44n2/08.pdf>>. Acesso em: 2 jan 2015.

CAVALCANTE, Maria Lúcia Lucena: As **perspectivas de desenvolvimento turístico no município de algodão de Jandaíra/PB**. Monografia, IESP, João Pessoa: 2005.

Caso de Carlota 1. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=DfsmqlzQ378>>. Acesso em: 4 jan 2015.

Caso de Carlota 2. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=OMOVPEIDa2g>>. Acesso em: 4 jan 2015.

Caso de Carlota 3. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=YldCDKQ3Y3E>>. Acesso em: 4 jan 2015.

Caso de Carlota 4. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=3e2k1xnQflo>>. Acesso em: 4 jan 2015.

Ensaio sobre a noção de poder em Michel Foucault. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/view/3160/2911>>. Acesso em: 7 jan 2015.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. 35. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

Família, Cotidiano e Vida privada. Disponível em:

<<http://www.fafich.ufmg.br/pae/apoio/familiacotidianovidaprivada.pdf>>. Acesso em: 9 jan 2015.

História- Cultua e Pensamento. Disponível em:

<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/tragedia_grega1.htm>. Acesso em: 10 jan 2015.

Luzias e Saquaremas em confronto: A organização Judiciária como problema político no Brasil. Disponível em:

<http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos_ing/v7n1a72015_ing.pdf>. Acesso em: 10 jan 2015.

LEWIN, Linda, 1941- **Política e Parentela na Paraíba**. Um estudo de caso da oligarquia de base familiar/ Linda Lewin; tradução André Villalobos. – Rio de Janeiro: Record, 1993.

MACHADO, Maximiano Lopes. **Quadro da Revolta Praieira na Província da Parahyba**. 2ed. João Pessoa: UFPB, 1983.

Mutações do Estado Brasileiro: Repercussões na Organização judiciária e Construção da nação. Disponível em:

<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&ved=0CDAQFjAD&url=http%3A%2F%2Fboletimcientifico.escola.mpu.mp.br%2Fboletins%2Fboletim-cientifico-n.-3-2013-abril-junho-de-2002%2Fmutacoes-do-estado-brasileiro-repercussoes-na-organizacao-judiciaria-e-construcao-da-nacao%1%2Fat_download%2Ffile&ei=6hJaVaesBcKegwTzglGQBw&usq=AFQjCNGhans0Hms5SldKRaa8tk2CttqFw&sig2=rikRM0oGHnbVslfP0XaNKw>.

Acesso em: 15 jan 2015.

Os Projetos Liberais no Brasil Império. Disponível em:

<<http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v2n4a62010.pdf>>. Acesso em: 17 jan 2015.

O Conceito de Poder em Foucault: algumas implicações para a teoria das organizações. Disponível em:

<http://www.convibra.com.br/2006/artigos/74_pdf.pdf>. Acesso em: 20 jan 2015.

Serafim, Péricles Vitório. Remígio; Brejos e Carrascais. Ed. Universitária, João Pessoa 1992.

Tragédia. Disponível em:

<http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.18.N.1_2005_ARTIGOS_WEB/A-tragedia-grega-um-estudo-teorico_ADILSON-DOS-SANTOS.pdf>.

Acesso em: 23 jan 2015.